



# Tema & Variações

BRUNO BORRALHINHO

Coluna mensal sobre o mundo da tal música que é *clássica* para uns e *erudita* para outros. Assuntos de abundante subjetividade e, por vezes, pouco isentos de polémica. Daqueles sobre os quais todos os músicos conversam e discutem, mas nunca chegam a conclusões cabais. Daqueles que permitem saciar a curiosidade do público entusiasta e, já agora, construir pontes e viadutos comunicacionais entre o palco e a plateia. E para que ninguém ouse levar os temas pouco a sério, as variações serão comentadas e discutidas em exclusivo com alguns dos melhores músicos do planeta.

## Talento e versatilidade em estado puro

Durante o período barroco era perfeitamente comum uma orquestra ser dirigida pelo cravista que, num concerto de J. S. Bach, tanto assumia o papel de protagonista nos *solis* como liderava ativamente o grupo nos *tutti*, uma função por vezes desempenhada também pelo primeiro violino. A partir de finais do século XVIII e princípios do século XIX, com a intensificação dos desafios técnicos das obras de compositores como Beethoven ou Mendelssohn, a figura do solista-maestro acabaria no entanto por deixar de ser uma constante e passou a ser mais invulgar. Barenboims, Buchbinders, Zuckermans e Kremers voltam nos dias de hoje a celebrar a figura do solista-maestro, mas convém reconhecer que essa ribalta, para além de aventuras mais ou menos esporádicas de outros instrumentistas, é sobretudo partilhada por pianistas e/ou violinistas.

Uma exceção a essa regra é com certeza a canadiana Barbara Hannigan, por vários motivos. Quando começou a dirigir há cerca de 10 anos, já era uma cantora aclamada e respeitada e a sua carreira como cantora-maestrina, em sintonia com a sua predileção pelo repertório moderno e contemporâneo, tornam-na numa artista absolutamente

CONVIDADA ESPECIAL

## Barbara Hannigan



© Marco Borggreve

Reconhecida pela crítica como uma das artistas mais interessantes da atualidade, a soprano e maestrina canadiana Barbara Hannigan estreou mais de 85 obras e trabalhou em estreita colaboração com compositores como Boulez, Dutilleux, Ligeti, Stockhausen, Sciarrino, Dean e Abrahamsen e colabora regularmente com Rattle, Nelsons, Petrenko, Pappano, entre outros. É atualmente Maestrina Principal Convidada da Orquestra Sinfónica de Gotemburgo e a sua agenda inclui grandes orquestras e agrupamentos um pouco por do mundo. Vencedora de um Grammy Award em 2018, Hannigan é promotora de vários projetos internacionais de apoio a jovens artistas.

notável. Na minha opinião, mais importante até do que as características únicas do perfil de Hannigan, são a enorme qualidade e a genialidade que transbordam das suas interpretações.

«Quando comecei a dirigir estava acima de tudo a explorar um aspeto da minha musicalidade», confessa Hannigan. Ao mesmo tempo, admite que «nem sempre foi fácil porque o que pretendia era muito colaborativo e, tanto eu como a orquestra, precisávamos de tempo e espaço para crescer». Por esse motivo, revela: «nos primeiros anos estava, antes de mais nada, a construir confiança e relacionamento, mas nos últimos anos tenho conseguido mais apoio e colaboração imediatos da orquestra com a qual estou a trabalhar». Sobre cantar e dirigir em simultâneo, Hannigan sublinha que «só funciona com poucas obras e de uma maneira específica». Entre os seus maiores êxitos na dupla função de cantora e maestrina estão certamente "La Voix Humaine" de Poulenc, "Lounnotar" de Sibelius, os seus arranjos de Weill e Gershwin em conjunto com Bill Elliott ou a mais recente produção de "Knoxville" de Barber com a Orquestra Sinfónica de Londres. Ainda assim, arrisco destacar as suas carismáticas interpretações dos "Mistérios do Macabro" da ópera "Le Grand Macabre" de Ligeti como um dos exemplos mais impressionantes do seu talento e versatilidade. (\*)

À minha questão sobre o quão polivalente e multifacetado pode e deve ser o perfil e a vida de um músico, apesar de ser absolutamente legítimo e respeitável que o próprio decida dedicar-se e especializar-se numa única função, a canadiana encara o canto ou a direção de orquestra como «partes de um objetivo singular de levar as suas ideias ao mais alto nível de realização». No fundo, reconhece que se trata de «um papel único» motivado, em primeira instância, «pela paixão pela música e pelo desenvolvimento das habilidades musicais».

Voltando aos "Mistérios do Macabro", Hannigan confessa que foi especialmente desafiante preparar-se na função de cantora-maestrina porque já cantava a obra antes de se aventurar pelo mundo da direção e os processos estavam já muito cristalizados. «Tive que memorizar a partitura, estudar devagar como se fosse uma ária de Mozart, frase a frase, depois acelerar, memorizar e solidificar os aspetos técnicos com uma atenção atlética aos detalhes». Hannigan reconhece que a partitura é bastante clara sobre como dirigir a obra tecnicamente, mas que tenta alcançar «uma liberdade de expressão que vá mais além da direção de orquestra... (...) Procuo gestos claros mas que mostrem simultaneamente o carácter louco e paranóico da personagem, transportando a orquestra a esse nível de loucura.»

A predileção de Barbara Hannigan pela música moderna ou contemporânea – o seu papel operático favorito é Lulu de Alban Berg e a sua agenda de concertos no passado e no presente é inequívoca – é quase uma imagem de marca. «Amo o repertório moderno e esse amor e paixão quase me obrigam a executá-lo, porque nem todos os intérpretes se sentem como eu!» Por este motivo, assume o propósito de divulgar esse repertório, embora salientando que nos últimos anos também dirigiu muitas sinfonias de Haydn ou que lhe «interessa imensamente a procura de material emocional e dramaturgicamente relacionado» dando exemplos de programas que combinam Mozart e Berg, ou Stravinsky e Haydn.

Cada um nós conhece os próprios limites, ou talvez não. A soprano e maestrina parece não os ter e transpira talento e versatilidade em estado puro. Para quem pensa e acredita que arte é mais do que uma só arte e mais bem uma bifurcação de várias artes, experiências, sentimentos e conhecimentos, que cada dia é uma nova oportunidade de enriquecer

e ampliar horizontes, de superar barreiras e limites... ou mesmo para quem não pensa nem acredita em nada disso: Barbara Hannigan pode certamente ser uma grande inspiração.

(\* ) Link externo recomendado | Barbara Hannigan canta "Mistérios do Macabro" de Ligeti com a Orquestra Sinfónica de Gotemburgo (2013):  
<https://youtu.be/ireZYjEkapc>